

Fernando Molica

Direita teme dinastia Bolsonaro

As farpas e cotoveladas que volta e meia são trocadas por representantes da direita revelam uma disputa que vai além da disputa eleitoral deste ano. O que está em jogo é uma tentativa de impedir uma interminável dinastia dos Bolsonaro.

A troca de afagos, ontem, entre o pré-candidato à Presidência Flávio Bolsonaro (PL) e o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), ameniza, mas não elimina a disputa que vem sendo travada até publicamente entre lideranças conservadoras.

A questão é simples: a eventual eleição do primogênito do ex-presidente daria à sua família mais quatro anos — quiçá oito, em caso de reeleição —, um protagonismo absoluto na direita. Na fila por palcos nacionais ainda estão Michelle e outros três de seus enteados. Isso sem falar no próprio Bolsonaro, que seria anistiado em caso de vitória do filho e poderia retomar a atividade política (sua saúde, pelo visto, melhorou muito em casa).

O revezamento entre integrantes do clã manteria no banco de reservas políticos como Tarcísio, o ex-governador mineiro Romeu Zema (Novo) e os governadores Eduardo Leite (PSD), do Rio Grande do Sul, e Ratinho Júnior (PSD), do Paraná. Liderança mais jovem, Nikolas Ferreira (PL-MG), acusado de não se empenhar na campanha de Flávio, protagonizou disputas públicas com dois outros filhos de Bolsonaro, Eduardo e Jair Renan — este foi comparado pelo deputado a uma “toupeira cega”.

A sagração de Flávio como candidato à Presidência ressaltou o que todos sabiam: Jair só confia nos seus, não gosta de dividir poder e morre de medo de traições. Como mostrou o colega de página Tales Faria, isto complica até mesmo a escolha do candidato a vice do filho —

há o temor de que a senadora Tereza Cristina (PP-MS), nome que seria mais óbvio, seja, no futuro, o que Michel Temer foi para Dilma Rousseff. Ao escolher o general Braga Netto para vice em 2022, Bolsonaro não quis agregar votos, apenas garantir que não tomaria uma rasteira do companheiro de chapa nem do Exército.

O carinho que rolou ontem entre Flávio e Tarcísio não apaga os elogios que este, há uma semana, endereçou a Zema — até agora, adversário do pré-candidato do PL — e as críticas que fez à polarização.

Durante seu mandato, Bolsonaro não vacilou em defenestrar qualquer aliado que, na sua avaliação, estivesse a caminho de, para usar a expressão de Leonel Brizola, costear o alambrado. Seu vice, Hamilton Mourão, foi tratado com desprezo e só não foi pra rua porque tinha sido eleito ao lado do titular.

Ao longo de sua carreira, Bolsonaro demonstrou sua impaciência com o exercício da política; na Câmara, liderava uma espécie de bloco do Eu Sozinho. Na Presidência, entregou o poder ao Centrão apenas para não ser alvo de tentativa de impeachment e para poder ficar mais tempo no cercadinho do Alvorada. Mas deixava claro que ele era o dono do pedaço.

A direita sabe que seria suicídio eleitoral brigar com Bolsonaro, mas não está disposta a bater continência o resto da vida para o ex-capitão. Constatou que conservadorismo ganhou estatura, não depende apenas de um líder.

Além disso, Tarcísio e colegas que estão na fila não querem saber da profecia de Flávio que, ontem, disse que, “um dia”, o governador de São Paulo chegará à Presidência — isso, se Deus quiser, completou.

Tales Faria

Aumentam chances de Zema como vice de Flávio, mas o clã resiste

O ex-governador de Minas Gerais Romeu Zema (Novo) começou sua pré-campanha eleitoral para presidente da República absolutamente desacreditado. As primeiras pesquisas de opinião o colocavam disputando espaço longe do primeiro pelotão.

O máximo que conseguia era um honroso quarto lugar, atrás do candidato do PSD, o ex-governador de Goiás Ronaldo Caiado.

Zema não era levado a sério nem como opção de candidato a vice, apesar de Minas Gerais ter sido um estado decisivo em todas as eleições presidenciais.

O pré-candidato Flávio Bolsonaro (PL), que desde o início disputou o primeiro lugar nas pesquisas contra o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), chegou a fazer graça com os acenos do mineiro para integrar sua chapa. Gravou um vídeo com Zema em que falavam da hipótese ao contrário: Flávio como vice do ex-governador. “Será?”, perguntou rindo o filho do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Mas eis que, no meio do caminho, Zema encontrou como discurso o combate radical ao Supremo Tribunal Federal (STF). E achou sentado à beira do caminho aquele para personificar os males da Corte: o ministro Gilmar Mendes.

Gilmar nem percebeu que estava sendo enredado na trama do ex-governador, que sempre soube, como ninguém, usar o gestual de mineirinho bobo para derrotar seus adversários.

O ministro letrado, com formação nos melhores livros do direito alemão, achou que daria um show. Apontou a forma de falar simplória do adversário e escorregou numa citação sobre homossexualidade mal

interpretada que arrematou o desastre.

Romeu Zema aproveitou a vitrine em que foi colocado pelo supremo ministro. De praticamente desconhecido do eleitorado, ele agora aposta na divulgação de novas pesquisas apontando um crescimento na preferência dos eleitores que o credencie, pelo menos, a de fato figurar como vice de Flávio Bolsonaro.

O que era motivo de chacota do clã do ex-presidente, passou a ser levado a sério por Flávio, convencido de que Minas Gerais é fundamental para sua campanha. E o estado produziu uma estrela do bolsonarismo, o deputado Nikolas Ferreira (PL).

Com apenas 29 anos de idade, Nikolas não pode ser candidato a vice. Mas ele escreveu que a chapa “Bolsonzema daria muito certo”, em alusão à união formal entre Flávio Bolsonaro e Romeu Zema. O deputado compartilhava uma publicação sobre o perfil que desejava para vice do senador.

Tudo vai depender de dois fatores. O primeiro é o resultado das pesquisas eleitorais que vêm pela frente: saber se confirmam que, realmente, Gilmar Mendes colocou Zema em evidência na campanha.

O outro fator são os irmãos e o pai de Flávio, ou seja, o clã brigão.

Em post nas redes sociais, onde reproduziu notícia com Zema se dizendo favorável à reforma tributária, Carlos assumiu brigas anteriores de Eduardo Bolsonaro e Jair Renan Bolsonaro contra os mineiros e também deu seu recado sobre pedidos de apaziguamento de Flávio: “Meu irmão, [...] é preciso ponderar. Você está mordendo a isca com mais facilidade do que lambari em anzol de mosquito e o peixe vai só engordando malandramente.”

Márcio Coimbra*

As Armadilhas de Viktor Orbán

A queda de Viktor Orbán em Budapeste não sinaliza apenas uma alternância de poder, mas o início de uma complexa e exaustiva limpeza institucional. Péter Magyar herda um Estado capturado, onde o triunfo nas urnas revela-se a etapa mais simples diante de um “despotismo velado” que remodelou as bases do país ao longo de anos. Como alguém que acompanhou o cotidiano político do Leste Europeu, noto que o verdadeiro desafio é governar uma nação onde o Fidesz não apenas ocupou cargos, mas privatizou a própria estrutura estatal em benefício de uma oligarquia leal. Desmantelar esse aparato sem provocar um colapso administrativo exigirá uma destreza incomum na história política moderna.

O obstáculo mais urgente é a armadilha das fundações públicas de interesse comum. Este mecanismo transferiu ativos vitais — de universidades a parques industriais — para conselhos curadores com mandatos vitalícios compostos por ideólogos do antigo regime. Mesmo com maioria parlamentar, Magyar enfrentará uma guerrilha burocrática capaz de congelar investimentos e obstruir pautas essenciais. Para o novo primeiro-ministro, a limpeza institucional não é apenas uma promessa de campanha, mas uma questão de sobrevivência fiscal: sem recuperar o controle sobre esses ativos, o governo corre o risco real de deter o comando formal, mas não o leme da nação.

No cenário externo, o divórcio com a Rússia deixa de ser uma divergência diplomática para se tornar uma frente de guerra híbrida. A Hungria é perigosamente dependente da infraestrutura russa, simbolizada pela expansão da usina nuclear de Paks II e pelos contratos com a Gazprom. Para o Kremlin, a perda de seu “veto amigo” no Conselho Europeu é um prejuízo geopolítico inaceitável. A inteligência russa possui capacidade para instigar o caos através de ataques cibernéticos a serviços essenciais ou pela manipulação dos preços de energia para inflamar a opinião pública contra Magyar.

Simultaneamente, a relação com a China de Xi Jinping apresenta uma armadilha distinta. Sob Orbán, a Hungria tornou-se o hub europeu para gigantes como BYD e CATL, pilares do emprego e do PIB atual. Se Magyar alinhar-se às diretrizes de de-risking de Bruxelas, enfrentará o risco de uma retirada súbita de capital chinês, o que mergulharia o país em recessão. O desafio será renegociar contratos opacos, como a ferrovia Budapeste-Belgrado, assegurando à União Europeia que a Hungria deixou de ser um “Cavalo de Tróia”, sem alienar o investimento que sustenta a estabilidade macroeconômica.

Por fim, a variável mais sensível será a gestão das expectativas de uma população doutrinação por 16 anos em uma retórica de cerco e vitimização nacionalista. A armadilha de Orbán foi criar uma dependência psicológica entre sua imagem e a segurança nacional. Se Magyar falhar em entregar resultados econômicos rápidos ou se a reintegração à UE parecer uma submissão, o Fidesz — ainda poderoso e financiado — capitalizará o ressentimento. O sucesso desta era dependerá da capacidade de Magyar de oferecer um orgulho nacional que não precise de inimigos externos para existir. A Hungria de 2026 é o grande campo de provas da democracia: se Magyar triunfar, Budapeste voltará a ser o farol de liberdade de 1989, mas se falhar, provará a tese de Orbán de que o sistema liberal é incapaz de gerir as complexidades do século XXI.

***Márcio Coimbra é CEO da Casa Política e Presidente-Executivo do Instituto Monitor da Democracia. Conselheiro e Diretor de Relações Internacionais da Associação Brasileira de Relações Institucionais e Governamentais (Abrig). Mestre em Ação Política pela Universidad Rey Juan Carlos (2007). Ex-Diretor da Apex-Brasil e do Senado Federal.**